

Modernidade: Algumas Abordagens¹

Marilda Teles Maracci Silva

Silvia Aparecida de Sousa²

O tema Modernidade tem sido amplamente discutido na Geografia e nas outras ciências. São inúmeros os autores que discutem os fundamentos da Modernidade e da Pós-modernidade. Na Geografia brasileira, a preocupação com este tema acentuou-se a partir da década de 80, principalmente após a publicação de "Tudo o que é sólido desmancha no ar: as aventuras da modernidade" de M.Berman, em 1986. Esta obra tem sido uma referência nas recentes discussões.

A discussão aqui será feita através das abordagens de alguns autores: H. Lefebvre, M.Berman, D.Harvey e E. Soja, tentando destacar em cada obra a concepção do autor e sua fundamentação sobre o tema.

O início da Modernidade, ou do período moderno, difere entre os autores de acordo com sua concepção de modernidade, o que remete à priorização de um ou outro aspecto da cultura, da organização das relações sociais e produtivas, para a definição de um marco da passagem à Modernidade.

A Modernidade para Henri Lefebvre

Lefebvre (1969), vai buscar na França da Idade Média, mais especificamente nas cidades administrativas por "éche vin" ou por consulado, a origem do termo "Moderno", que na época envolvia uma dupla idéia: uma renovação e uma regularidade na renovação. Ele passa pelo final da Idade Média quando o que era moderno significava oposição ao que estava fora de moda. Tal concepção exprimia-se na música, que na época já era uma atividade de vanguarda, pertencente ao setor inventivo. O autor detecta nesse período a polêmica "antigos x modernos" que se encerra no final do século XIX, com a auto-exaltação do "modernismo", quando aparece o estilo moderno (culto do novo pelo novo; sua fetichização).

Lefebvre centraliza a discussão do conceito de modernidade em seu "XI prelúdio: O que é Modernidade" in Introdução à Modernidade (1969), trabalhando as idéias de Marx e Baudelaire e seus desdobramentos no final do século XIX, apontando para a crise da cultura, da arte e da filosofia (dificuldade de conceitos).

¹ Trabalho apresentado junto à disciplina Metodologia Científica em geografia, ministrada pelo Prof. Dr. Eliseu Savério Spósito, no primeiro semestre de 1994.

² Alunas do curso de pós-graduação em Geografia, desde 1993.

Segundo Lefebvre, Marx percebe o "moderno" como sendo a ascensão da burguesia, o crescimento econômico, o estabelecimento do capitalismo, suas manifestações políticas e (sobretudo) a crítica deste conjunto de fatos históricos. Também o faz quando discute a abstração do Estado político como um produto moderno, porque "a abstração da vida privada pertence aos tempos modernos", contrapondo ao Estado da Idade Média cujo princípio real é o Homem "mas o Homem não livre..." Para Marx a Idade Média é o dualismo real e os tempos modernos o dualismo abstrato. Entende que Marx libera um conceito de Modernidade ao estabelecer uma conexão entre a vida privada, a abstração e o formalismo generalizado que invadem a prática social. Marx mostra que a sociedade burguesa (capitalista), na qualidade de período da civilização, caracteriza-se pela separação, pela cisão e pela dualidade levadas ao extremo; e tudo o que é essência do Homem torna-se exterior como uma coisa para o Homem: é a alienação. Marx aponta a práxis revolucionária (total) como capaz de "reconstituir a unidade: a natureza reencontrada, ao mesmo tempo dominada e reconhecida, recuperada."

Em Baudelaire, Lefebvre encontra "uma grande novidade à consciência do novo". Para ele o "moderno" é expressamente o efêmero, o fulgêneo, é o imprevisível, a novidade pela novidade (a moda); moderno e moda ligam-se no tempo e no instante misteriosamente relegados ao eterno.

Tanto Marx quanto Baudelaire definem modernidade pela dualidade, mas segundo "tenta compreender no trivial e no cotidiano um reflexo longínquo da eterna beleza que se ausenta". Baudelaire aceita o que Marx rejeita: a natureza extraviada, metamorfoseada e perdida. Ele repudia a natureza e o naturalismo; propõe sair da ordem das necessidades para entrar na do luxo e dos prazeres, onde os adornos são sinais da nobreza humana. "É no abstrato e no factício, na arte e no artifício, e no artificial que Baudelaire procura o segredo e o gosto do moderno". (Lefebvre:1969,p.202)

Após o fracasso de 1848 (revoluções operárias na Europa), Marx passa a operar sobre materiais econômicos e históricos, constatando a insuficiência da filosofia. Marx vai pensar o mundo politicamente, ligado a um programa de ação, a uma práxis unitária total. Vai subordinar os outros conhecimentos ao conhecimento político. Por outro lado Baudelaire vai revisar o conceito de modernidade. "Odiando a burguesia e desprezando o mundo burguês, ele registra e aprova o fracasso da práxis revolucionária. O poeta apodera-se da dualidade e do dilaceramento. Toma partido".(Lefebvre;1969,p.203). Ele tenta pensar esteticamente o mundo moderno; subordina os outros gêneros de ação e conhecimento à arte. Proclama a primazia da linguagem. A dualidade, a cisão, o dilaceramento resolvem-se na linguagem criadora (poética). É a primazia da linguagem, o paradigma das artes no fim do século XIX.

Mas, a linguagem, o instrumento da ação e desalienação, torna-se alienante e alienado, torna-se mercadoria, produz muita verbosidade. É o enfraquecimento do verbo

isção de fetichizado, é a crise da linguagem, que termina numa grande crise da cultura e da arte que se afirma como pura criação.

quando Lefebvre verifica que no século XX a crise continua. Que os contornos do Modernismo e da Modernidade saem de uma Europa de euforia burguesa ("bela época"- que vai desaparecer), e que o novo período surge com dificuldades de conceitos, de compreender o que acontece. O progresso técnico penetra no cotidiano. Ocorre o fim do reino do individualismo numa imposição do coletivo e da organização. O coletivo no sentido da dissolução do indivíduo, perda da individualidade. Sendo assim, o indivíduo defende-se no terreno do possível: a arte, o imaginário, o relativo.

Na filosofia Lefebvre verifica o conceito de Descontinuidade. Antes, estudos das trajetórias contínuas (esquema evolucionista); agora, a invasão do descontínuo. Os especialistas intervêm nesse período (domínios, setores, região, fatores). Começa o estruturalismo (átomos, partículas, gêneses, fonemas etc.); conceito de mutação, de mudança brusca. É, segundo Lefebvre, o fim da época das sínteses. Esquece-se as indicações de Marx de uma práxis total e a anti-natureza se estabelece na cidade moderna através dos sinais, fotos, cinema, publicidade que multiplicam imagens, a eletricidade acentuando a paisagem urbana etc. É uma outra realidade, um outro mundo para Lefebvre: o da técnica e do poder sobre a natureza, atormentando a sensibilidade que fica sem conceber os referenciais no espaço e no tempo. Tem-se um homem atormentado pelas coisas, sinais, barulhos pelos símbolos caídos no inconsciente e que passam do social para o psíquico.

Para Lefebvre a Modernidade nasce dessas grandes mudanças. O período efervescente inicia-se em 1905 e finaliza entre 1925 e 1930, com a estatização do capitalismo e da revolução proletária. Para ele a Modernidade traz assim suas contradições: auto-destruição e desconstrução como princípios.

O Modernismo se afirma na auto-exaltação, segundo Lefebvre. O sentimento moderno hoje, para ele, corresponde às impressões de Baudelaire: a moda e o moderno misturam-se; o duradouro e o efêmero. Ele verifica uma dissolução da arte: anti-teatro, anti-literatura, anti-romance.

São destacados dois aspectos do Modernismo do século XX: o culto exacerbado da atualidade mutável e o neoclassicismo, já que a novidade é uma virtual aquisição do classicismo.

Lefebvre percebe o termo Moderno sem sentido, e ainda, este proíbe que se responda perguntas relacionadas ao seu sentido (caráter de instantâneo). O novo identifica-se com a criação; consolida-se o válido. O Modernismo narra e cria seu próprio elogio num esnobismo ativo, num terrorismo cultural e intelectual. Cada um teme pelo seu prestígio, pela sua situação sempre ameaçada. Para o autor, as projeções incertas e imagens flutuantes, que são representações do modernismo não constituem um conceito: elas dissimulam o conceito, proíbem a reflexão, impedem a formação do conceito e até a consciência de sua necessidade.

Mas elas contém elementos indispensáveis desse conceito (é a mesma relação entre consciência imediata e conhecimento). Lefebvre prossegue tentando apontar características da Modernidade e percebe que urge a vontade do gôzo. Faz referência à juventude quanto aos sinais de insatisfação e rebelião e percebe que a mesma sofre os problemas da Modernidade pois seu impulso a expõe e a torna vulnerável experimentando todas as lacunas do novo atraindo e decepcionando. Cabe observar que a obra referida é dos anos 60, época em que a juventude revolucionava seus hábitos e a política. Destaca ainda o acaso, o aleatório presentes nas contradições políticas e no embaraço da escolha, e pergunta se o aleatório não seria uma característica da Modernidade, entendendo o aleatório como a unidade dialética da necessidade e do acaso, pois o acaso exprime a necessidade e a necessidade exprime-se no conjunto de acasos. Verifica também uma despolitização das massas, uma dificuldade de formulação das reivindicações e uma primazia dos especialistas no movimento operário; as massas dirigindo-se aos seus dirigentes.

Lefebvre reivindica um conceito geral da Modernidade e propõe o método Dialético para descobrir e compreender contradições, pois assim vai-se mais longe que a cultura e os sintomas culturais. Para ele, ou as contradições se psicologizam ou se socializam. Por exemplo: angústia, inquietude, sentimento de solidão, não são novos. O novo estaria na contradição entre solidão individual e a reunião das multidões em grandes cidades, empresas colossais, partidos, numa atomização da vida em conflito com a superorganização da sociedade, com a socialização da sociedade versus isolamento da consciência individual e desconhecimento do próximo. Na compreensão de Lefebvre, vivemos uma totalização pelos meios do Estado, da sociedade global, das comunicações, das normas, da cultura, etc.. Vivemos uma época em que o objetivo ideal proposto é o do "bem estar", mas para uma minoridade de indivíduos, países ... Mas vivemos como nunca uma época de crueldade e horror, violência desenfreada.

Lefebvre propõe a discussão de temas da contradição que, entre outros, está na dessacralização das questões sexuais, a modificação das noções de pureza e de pecado, o caráter de necessidade presente na questão sexual (a satisfação da necessidade torna-se fácil), a descoberta e a apropriação do desejo e a dissociação entre amor e reprodução, essa dominação da consciência sobre o biológico produzindo a crise moral, a separação entre o biológico e o humano produzindo a frieza ou a frigidez generalizada, e, ainda, a contradição entre a "moderna reprivatização da vida cotidiana e a mundialização que aliás penetra até o fundo da vida privada pela "mass-media" (LEFEBVRE, 1969).

Lefebvre destaca uma contradição no campo das ideologias: de um lado as ideologias tornaram-se impotentes, decepcionantes, distanciadas do real. Por outro lado, verifica-se uma exacerbação das ideologias: as ideologias passam a fornecer para a consciência a linguagem como único meio de exprimir-se. A fé não existe mais, mas as pessoas se reúnem sob pretextos religiosos.

entre as da o aos dade, novo que a sente uma a da se no le de o: as stodo que a zam ia na resas o da ual e pelos etc.. uma de e tá na lo, o ácil). essa tre o lição até o lo as lado. ra a as as

A dialética, na Modernidade, tomou uma forma nova para Lefebvre. a contradição dos regimes capitalismo e socialismo age profundamente sobre os dois; ela os modifica, a um e a outro e um pelo outro. O processo de acumulação através da contradição Leste-Oeste tornou-se mundial. É ele que introduz novas necessidades, novas produções, novos produtos. O processo de acumulação torna-se essencialmente acumulação de técnicas, de conhecimento e de tecnicidade, num desenvolvimento desigual. E a tecnicidade modifica a vida privada e a cidade. A vida fora da técnica não participa. Entedia-se. O resultado é a fetichização da criação num culto do fazer e do saber-fazer.

As ideologias passam a fornecer para a consciência a linguagem como único meio de exprimir-se. A fé não existe mais, mas as pessoas se reúnem sob pretextos religiosos.

A socialização da sociedade é uma realidade, e o socialismo no campo das possibilidades é possível. O autor discute o projeto inicial de Marx que, para ele, concebe duas maneiras do possível humano: etnicamente (transparência das relações sociais e nacionais) e esteticamente (gozo sem limites dos bens, dos desejos, fusão da arte com uma vida cotidiana transformada. O projeto inicial de Marx vai muito além da satisfação das necessidades, muito além da sociedade de consumo. Mas os problemas políticos, que definem táticas e estratégias, põem em segundo plano esse projeto inicial, encaminhando a passagem para o socialismo de maneira absolutamente política: tomada de poder pelo Estado e reforço do Estado, comprometendo o projeto de enfraquecimento do Estado. A subordinação da técnica ao econômico/social, proposta por Marx, parece ter desaparecido; inverteu-se.

Lefebvre analisa as relações do moderno com o passado e percebe que a gente se procura no passado, em lugar de esclarecer o passado a partir do presente e inversamente. Para ele o presente justifica-se pelo passado, em vez de basear a ação presente no conhecimento da evolução. E ainda, estamos atravancados de conhecimentos fragmentários, sem ligação, restos do passado e restos de conhecimento. "A Modernidade esperava surgir um estilo, um pensamento, uma autenticidade, uma presença para si...Esse estranho serimonial parece às vezes um rito expiatório, ou um rito de purificação".

H. Lefebvre e a Geografia no Brasil

Lefebvre já há algum tempo é um dos autores mais discutidos na Geografia Brasileira quando o tema é o urbano, a vida nas cidades. Em suas obras usa categorias que interessam aos geógrafos na análise das relações pessoais, sociais e econômicas ocorridas nas cidades, além de ter escrito especificamente sobre o tema Modernidade, como já referenciado. A título de exemplificação, resgataremos duas geógrafas que trabalham o pensamento de

Lefebvre em suas análises sobre a cidade de São Paulo, a partir de dois textos dos ANAIS do 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos³.

ALVES, a partir de Lefebvre afirma ser o CONSUMO a categoria central para compreender o modo de vida urbano na sociedade moderna já que é marcada pela superficialidade nas relações, pelos conflitos, pela cotidianidade, entendida como a repetição e transformação dos atos diários e rotineiros. Esta tendência a homogeneização dos atos cotidianos imprime um caráter de repetição sucessiva de atos, encoberta pela impressão de se ter sempre muito o que fazer, em geral, atividades relacionadas à satisfação de necessidades de consumo.

O CONSUMO é entendido como um momento da produção, aparentemente livre, que redefine a vida, pessoal e socialmente. A vida, a partir do consumo passa a ser socializada, "... as relações de poder e a propriedade se generalizam, se mundializam, ao mesmo tempo que se prega a reprivatização da vida cotidiana." (ALVES, p.453). As preocupações passam a ser somente consigo próprio e com as necessidades de consumo individual para se satisfazerem. É um modo de vida imposto pelo capitalismo, que é chamado usualmente de modo de vida urbano.

A vida moderna, portanto, é urbana. No campo os acontecimentos ocorrem em ritmos e velocidades diferentes, o que não impede que a necessidade de consumir seja cada vez maior visto que esta necessidade é difundida amplamente pela mídia, chegando ao campo especialmente através do rádio e televisão. Este modo também é urbano.

DAMIANI prefere discutir o tema COTIDIANO, a partir de Lefebvre. Para ela, o cotidiano inclui o Homem em seus diferentes mundos: do trabalho, do lazer, da vida privada, ou seja, uma totalidade de momentos, que se realiza no tempo e no espaço de maneira fragmentada mas se integram no homem total, vigiado e regulado pelo Estado. Esta fragmentação do tempo e espaço é uma característica da Modernidade desde o século XVII, em que tudo é concebido separado, isoladamente, e que tem se ampliado consideravelmente no último século.

No entanto, a alienação do tempo e do espaço, que ocorre com a fragmentação, não é discernida pela sociedade como um todo e é lida como a possibilidade de se satisfazer as necessidades básicas (p.435).

O cotidiano não é somente uma ordem imposta pelo modo de produção capitalista mas também "... no plano subjetivo, uma organização de vida assegurada." (p.435). Esta segurança da vida cotidiana é o que se tenta manter ou melhorar, em termos de satisfação de necessidades, conforto material e subjetivo. Mesmo assim, há os que ficam no nível do infra-cotidiano que, para a autora, são os que sofrem carências elementares, não conseguindo

³ ALVES, Glória da Anunciação. DAMIANI, Amélia Luiza. Textos inclusos no ANAIS do 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos. São Paulo, 1994.

do um mínimo de segurança para necessidades básicas como comer e morar. Cotidiano é portanto "... algo entre o infra e o supra-cotidiano, enquanto sorte de média social." (p.435).

ara Este tema remete à discussão da forma e conteúdo do espaço urbano. Nas
ela concepções urbanísticas modernas a preocupação é apenas com a forma e sua funcionalidade,
ção traduzindo assim a fragmentação da vida cotidiana no espaço urbano. Como os padrões
tos urbanísticos são mundializados tais como a economia, as formas urbanas refletem estes
se padrões, norteados que são pela política e economia que se prendem à funcionalidade. "A
les realidade da metrópole é a da implosão/explosão dessa funcionalidade extrema (...) impregnada de contradições." (p.438).

nte

ser **O Entendimento de M.Berman sobre Modernidade**

ao

As BERMAN (1986) faz um estudo da dialética da modernidade, através de
no leituras dos textos como "o Fausto de Goethe", o "Manifesto do Partido Comunista", as "Notas
do do Subterrâneo" e outros. Na sua análise, Nietzsche e Marx comparecem como duas vozes
do modernistas. O autor percebe a Modernidade como sendo um estado de "revolução
em permanente", buscando em Marx a fundamentação dessa tese, de quem extrai a máxima: "tudo
da o que é sólido desmancha no ar", a qual ele vai aplicar também à sociedade comunista
po proposta por Marx. Para Berman "a experiência ambiental da modernidade anula todas as
la fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse
da sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade
ira paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente
sta mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia". (1986) Ele anuncia: "veremos que
II, modernismo e burguesia têm em comum mais coisas do que modernistas e burguesia
ite gostariam de admitir. Veremos que marxismo, modernismo e burguesia estão empenhados
numa estranha dança dialética e, se acompanharmos seus movimentos, apreenderemos
aspectos importantes do mundo moderno que todos compartilhamos." (p.89)

io. M. Berman divide a história da Modernidade em três fases. Na Primeira fase,
as do início do século XVI até o fim do século XVIII, as pessoas experimentam a modernidade
sem ter idéia do que as atingiu; em estado de semi-segueira. A Segunda Fase começa em
ão 1790; com a Revolução Francesa. Esse público partilha o sentimento de viver em uma era
5). revolucionária; há um desencadeamento de explosivas convulsões nos níveis pessoal, social e
ão político. Mas o público do século XIX lembra do que é viver num mundo que não chega a ser
do moderno por inteiro. A dicotomia produzida pela sensação de viver em dois mundos faz
do emergir a idéia de modernismo e modernização. Na Terceira Fase, que acontece no século
XX, ocorre a expansão do processo de modernização, uma mundialização. A cultura do
Modernismo atinge espetaculares triunfos da arte e do pensamento. No entanto, perde-se de
vista as raízes da Modernidade, que passa a ser concebida em inúmeros e fragmentários

caminhos, perdendo muito sua nitidez, ressonância e profundidade; perda da capacidade de dar sentido à vida das pessoas.

Diante desta constatação, Berman reivindica a necessidade de procurar nos modernismos do passado as nossas próprias raízes como forma de seguirmos adiante. Sendo assim, critica o pós-modernismo, o que chama de "mística pós-moderna contemporânea". Alerta que a perda do contato com a sua própria modernidade é negá-la, é fazer eco à "auto ilusão da classe dominante de ter superado os problemas e os perigos do passado". p.329).

Modernidade para D. Harvey

HARVEY (1993) discute a modernidade a partir do seu sentido de efemeridade, fragmentação, mudança, transitoriedade, insegurança. Chega a dizer que para vários autores, a única coisa segura na modernidade é esta última característica, que de certa forma dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica (p.22).

Com a preocupação de buscar respostas à continuidade histórica, buscar elementos duradouros dentro desta transitoriedade, desenvolve-se o projeto Iluminista, considerado por alguns autores como o primeiro projeto modernista, visto que para eles a modernidade desenvolve-se principalmente a partir do século XVIII. Este projeto correspondia ao esforço dos pensadores iluministas em "... desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais" (HABERMAS, apud HARVEY, p.23) e a arte universal. O que prevalecia como proposta básica do Iluminismo era o domínio da Natureza para se libertar dos problemas com escassez de produtos e calamidades naturais, apontando a idéia do progresso como caminho viável. Desta forma, este projeto abraça o que queria rechaçar, já que o caminho apontado implica em reconhecer o fugidio, o fragmentário, o transitório como características essenciais da modernidade. Um projeto que, com as transformações do século XX, tanto em termos de revoluções científicas e tecnológicas quanto de destruições, obriga a "... voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana." (HARVEY, p.23).

De fato, este projeto foi de apoio explícito ao progresso técnico, em que desenvolveram uma racionalidade instrumental, fundamentando este projeto. Há inúmeros críticos do pensamento iluminista: Burke, Malthus, num primeiro momento, Max Weber, Habermas, Horkheimer, Adorno, resgatando o que este projeto apresentava como contradições e o que representava para a compreensão da Modernidade.

Para Nietzsche, a compreensão da Modernidade passa por um conhecimento e reconhecimento da destruição criativa e criação destrutiva. A primeira no sentido mesmo da destruição tanto das formas como das relações espaciais e sociais, da necessidade de se criar um mundo a partir da destruição do que já existe, um processo destruidor da unidade, característico do desenvolvimento do capitalismo. A criação destrutiva vem para "devorar o

de universo ilusório da individualização", a estética acima da ciência, da ética, da racionalidade e da política, dominando as relações sociais e imprimindo a elas algo de eterno e imutável em meio à efemeridade da vida moderna (HARVEY, p.27).

Os artistas, escritores, arquitetos, poetas e compositores ganham um papel especial em Nietzsche, para quem estes poderiam ir além do bem e do mal, a eles caberia "compreender o espírito de sua época e iniciar o processo de mudança" (HARVEY, p. 28). Neste contexto o Modernismo é entendido enquanto estética cultural que depende do posicionamento do artista em relação à base da vida moderna: o fugidio, a transitoriedade, a efemeridade. O Modernismo passa a ser, a partir de 1848, uma corrente estética explosiva, pautada no crescimento urbano que é crescente, que busca representar este fenômeno. Por ser um movimento estético artístico, preocupa-se com a exclusividade da produção, a originalidade da obra tendo em vista as necessidades do mercado consumidor desta arte. Para HARVEY (1993) os movimentos modernistas "... o surrealismo, o construtivismo e o realismo socialista, procuravam mitologizar o proletariado" (p.40) e o expressionismo abstrato vem como resposta à necessidade de se opor a estes padrões culturais ocidentais, preocupados com o consumo capitalista que domina a arte elitizada, no sentido de maior aproximação da arte com os segmentos mais populares.

Da tentativa de nova Revolução nas artes é que surgem os vários movimentos contraculturais e antimodernistas nos anos 60 deste século, explorando os domínios da auto-realização individual e individualizada expressas também na política através dos movimentos sociais e movimentos estudantis, principalmente universitários.

Nos anos 70 o que tem sido discutido como originário do antimodernismo é o movimento pós-modernista e junto com ele a noção de pós-moderno, cujo pilar é a desconstrução, a negação da metateoria, metalinguagem e metanarrativa, que são atacadas por Lyotard e Foucault. Um dos aspectos do pensamento pós-moderno é o "desconstrucionismo", a partir de Heidegger, que seria fundamentalmente um modo de pensar sobre os textos: os escritores que criam textos o fazem a partir de outros textos já lidos e os leitores fazem o mesmo. A vida cultural é vista como uma série de textos em intersecção, o que produz outros textos. Os escritos podem transmitir o que o autor não quis dizer pois passa pela interpretação do leitor. Neste sentido há desconstrução e construção ininterruptas. O pós-modernismo traz a idéia de que não se deve sequer tentar o engajamento em um projeto que seja global já que não há como fazer uma representação unificada do mundo, nem retratá-lo como uma totalidade cheia de conexões. O que existe são fragmentos em perpétua mudança (HARVEY, p.53).

BERMAN (1986) faz uma crítica a este movimento cuja proposta é o esquecimento das bases da Modernidade; esquecer-se o moderno e partir para um movimento de desconstrução, em que tudo é colocado como novo e onde apenas o que é novo interessa; o

pós modernismo cultiva "... a ignorância da história e da cultura modernas, como se tudo acabasse de ser inventado" (BERMAN, p.32).

Para HARVEY (1993) o pós-modernismo "é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais. uma mudança da sensibilidade para a qual o termo pós-moderno é na verdade, ao menos por agora, totalmente adequado."(p.45). Entretanto, discordando dos pós-modernistas, não acredita ter havido uma mudança global de paradigmas nas ordens cultural, social e econômica, mas sim uma mudança na sensibilidade, nas práticas e na formação discursiva deste período recente. O que parece ser a tônica do pensamento pós-moderno é a pluralidade de interpretações de um mesmo fenômeno, não havendo uma verdade única mas uma configuração fixa.

A crítica ao pós-modernismo em HARVEY (1992) é no sentido de que a perda da temporalidade e a busca do impacto instantâneo, o momentâneo, representa uma perda de profundidade na análise. Ao se opor a isto vai delineando uma proposta de análise do momento atual a que chama de condição pós-moderna, reflexo das novas formas de organização do capital e do desenvolvimento capitalista. A passagem do fordismo à acumulação flexível implica também na passagem da Modernidade à Pós-modernidade. "A aceleração na produção foi alcançada por mudanças organizacionais na direção da desintegração vertical que reverteram a tendência fordista de integração vertical e produziram um curso cada vez mais indireto na produção"(p.257), além da produção *just-in-time* que reduz os estoques e os tempos de giro em alguns setores da produção com um aprimoramento técnico cada vez maior do trabalhador, implicando na aceleração do consumo, palavra mestre no capitalismo, que tem mudado as relações sociais há tempos. Harvey sugere que estas mudanças na organização e estruturação do capitalismo de maneira alguma são novas e representam apenas versões mais recentes do mesmo capitalismo, que podem ser teorizadas com base na metanarrativa do desenvolvimento capitalista que Marx formulou, desaparecendo a rígida distinção categórica entre modernismo e pós-modernismo que dá lugar a uma análise do fluxo de relações interiores no capitalismo como um todo. "No âmbito desta matriz de relações interiores jamais há uma configuração fixa, havendo uma oscilação permanente entre centralização e descentralização, autoridade e desconstrução, hierarquia e anarquia, permanência e flexibilidade, divisão detalhada do trabalho e divisão social do trabalho."(p.305)

Espaço e Tempo para E. Soja

SOJA (1993) preocupa-se com o espaço na Modernidade e Pós-Modernidade e a proposta que faz é de uma interpretação da dinâmica atual da Sociedade no capitalismo a partir do que chama de Materialismo Histórico e Geográfico. Isto porque, na Modernidade o espaço esteve submetido ao tempo, em toda a narrativa moderna e para ele, a passagem à Pós-

do
ão
o
5).
de
le,
do
ão
da
de
do
de
à
A
da
im
ue
ito
tre
tas
; e
las
do
ise
de
tre
ia,
do

Modernidade implica numa modificação deste contexto, ou seja, o reconhecimento do espaço como categoria central da narrativa pós-moderna, ou Geografias pós-modernas, que vêm a tona com M. Foucault e J. Berger.

SOJA aponta o início do século XIX como sendo as origens do historicismo, período do capitalismo industrial competitivo, a que chama de primeira modernização do capitalismo. Nesta época, historicidade e espacialidade estariam em relativo equilíbrio. A segunda modernização seria a instauração da era dos oligopólios imperialistas e empresariais e a terceira o fordismo e a administração estatal burocrática. A supremacia do historicismo no pensamento crítico social vem no final do século XIX e prevalece até os anos 60, quando "... tanto o marxismo ocidental quanto a teoria social crítica pareceram explodir em fragmentos mais heterogêneos."(p.11), o que permitiu um repensar teórico, resultando neste final de século em movimentos alternativos modernos que, entre outros aspectos, destaca a reafirmação do espaço complexamente entremeada às reestruturações: cultural/política e teórica contemporânea.

Baseado em Berger, afirma ser necessário uma narrativa explicitamente espacializada para dar conta (e nela está fundamentada) da profunda reestruturação da vida contemporânea, que induzida pela crise genérica e generalizada, resulta em modificações "na aparência das coisas". Entretanto, não se trata apenas de simples inversão de prioridades ou de um discurso anti-história, mas sim de "um equilíbrio interpretativo adequado entre espaço, tempo e ser social." (p.33).

A Modernidade é entendida "... como a especificidade de se estar vivo, no mundo, num momento e lugar particulares; como um sentimento individual e coletivo vital de contemporaneidade. Como tal, a experiência da Modernidade capta uma ampla mescla de sensibilidade que reflete os sentidos específicos e mutáveis das três dimensões mais básicas e formadoras da existência humana: o espaço, o tempo e o ser." (p.34). O espaço, o tempo e a matéria como as qualidades essenciais do mundo físico, enquanto a espacialidade, a temporalidade e o ser social "... como as dimensões abstratas que, em conjunto, abarcam todas as facetas da existência humana." (p.35).

SOJA (1993) discute também E. Mandel, H. Lefebvre, F. Jameson, na tentativa de propor uma reformulação da teoria social crítica, "uma tentativa de espacialização como esforço de compor uma nova Geografia Humana Crítica (ou Geografias Humanas Críticas), um materialismo histórico e geográfico sintonizado com os desafios políticos e teóricos contemporâneos." (p.13).

e e o a e o ós-

Considerações Finais

No que diz respeito às abordagens apresentadas percebe-se que tanto Lefebvre quanto Berman e Soja tomam como ponto de partida o materialismo e percorrem pelo campo

da filosofia, história, cultura e política seguindo posteriormente caminhos próprios.

Tanto Lefebvre quanto Berman tomam Marx como uma voz indispensável na análise do que é ser moderno, embora o primeiro privilegie seus escritos filosóficos e o segundo seus escritos científico/políticos.

Marx em Lefebvre é um profundo crítico da modernidade a medida que libera um conceito através da conexão que faz entre a abstração, vida privada e o formalismo generalizado, apontando a práxis revolucionária como capaz de reconstituir a unidade desfeita pela sociedade burguesa. Ao entender a proposta de Marx como algo além da satisfação das necessidades, do consumo, portanto político mas não exclusivamente, Lefebvre faz a leitura da modernidade do século XX como sendo um esquecimento das indicações de Marx de uma práxis total e "aí a anti-natureza se estabelece na cidade moderna". Ou seja, o conceito de descontinuidade, mutação e mudança brusca, e ainda, a primazia da técnica, o poder sobre a natureza e a perda dos referenciais de tempo e espaço são a negação do mundo que Marx propôs construir através da práxis revolucionária.

Berman, por sua vez, encontra em Marx uma voz modernista tanto no sentido da caracterização do mundo moderno quanto no teor de exaltação dos feitos da burguesia. Berman entende que existem afinidades entre Marx e os modernistas quando este descreve a "moderna sociedade burguesa", sentindo nele um conflito que se coloca como a "tensão entre a visão sólida e a visão diluidora de Marx sobre a vida moderna". (Berman; 1986:89) Considera ainda que sua visão do comunismo, carregado de um ideal desenvolvimentista, é "inquestionavelmente moderna". (p.96) O autor faz um contraponto entre uma visão sólida presente na tradição marxista posterior e uma visão diluidora que o próprio Marx advoga em sua compreensão da história: "tudo o que é sólido, desmancha no ar..." O argumento do autor se sustenta no fato de que: se a "solidéz" é essencialmente um projeto burguês em função de que a moderna sociedade criada por ela traz, contraditoriamente, na essência, a diluição, a "solidéz" subentendida na cristalização dos dogmas através do marxismo não procede, considerando que o próprio Marx percebe as infinitas potencialidades do homem, que o projeto burguês não consegue assumir.

Um dado revelador que comparece nas abordagens aqui trabalhadas é a utilização da análise de algumas obras artísticas significativas produzidas no período moderno, como, por exemplo, Baudelaire em Lefebvre e Goethe em Berman. Esse dado nos faz pensar que, por ser a arte pertencente à dimensão da sensibilidade humana e, por ser a modernidade uma condição que nos limita a elaboração de conceitos, conforme percebe Lefebvre, esse caminho, o da arte, fornece portanto, elementos que expressam os efeitos dessa modernidade no homem, tanto no sentido da sua caracterização, quanto no sentido de encontrar nesta arte a profunda crítica a esta condição histórica em que a humanidade se encontra.

a
o
a
o
a
s
a
a
e
a
x
o
a.
a
e
a
é
la
n
r
le
a
e.
o
a
lo
s
a
e
sa
le
se

Referências Bibliográficas

- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Cia da Letras, 1986.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.
- LEFEBVRE, Henry. **Introdução à Modernidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- SOJA, Edward. **Geografias Pós Modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- ANAIS, 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos. São Paulo: AGB, 1994.